

**DIÁLOGOS DA
EDUCAÇÃO
LIBERTADORA
DE PAULO FREIRE
COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA ESCOLAR**

Fabiano Bossle
Elaine Prodócimo
Daniel Teixeira Maldonado
(Organizadores)

**DIÁLOGOS DA
EDUCAÇÃO
LIBERTADORA
DE PAULO FREIRE
COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA ESCOLAR**

Fabiano Bossle
Elaine Prodócimo
Daniel Teixeira Maldonado
(Organizadores)



Florianópolis, 2023

DIÁLOGOS DA EDUCAÇÃO LIBERTADORA DE
PAULO FREIRE COM A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR
1ª Edição

© Copyright by *Fabiano Bossle, Elaine Prodócimo e Daniel Teixeira Maldonado*

Revisão Textual
Dos Autores

Projeto Gráfico, Diagramação e Capa
Rita Motta – Ed. Tribo da Ilha

D536 Diálogos da educação libertadora de Paulo Freire com a educação física escolar / Fabiano Bossle, Elaine Prodócimo, Daniel Teixeira Maldonado (organizadores). – 1. ed. – Florianópolis: Tribo da Ilha, 2023.
147 p. : il., figs.

ISBN: 978-65-86602-52-4
Inclui referências

1. Freire, Paulo, 1921-1997 – Educação física (Pré-escolar). 2. Educação Física (Pré-escolar) – Estudo e ensino. 3. Liberdade. 4. Educação.
I. Bossle, Fabiano. II. Prodócimo, Elaine. III. Maldonado, Daniel Teixeira.

CDU: 796:37

Catologação na publicação por: Onélia Silva Guimarães CRB-14/071

Este livro passou por avaliação e aprovação às cegas de dois ou mais pareceristas *ad hoc*.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998. É proibida a reprodução parcial ou integral desta obra, por quaisquer meios de difusão, inclusive pela internet, sem prévia autorização dos autores.



EDITORA TRIBO DA ILHA
Rod. Virgílio Várzea, 1991 – S. Grande
Florianópolis-SC – CEP 88032-001
Fone: (48) 99122-3860
editoratribodailha@gmail.com
www.editoratribo.blogspot.com



SOBRE A EDUCAÇÃO LIBERTADORA DE PAULO FREIRE EM DIÁLOGO COM A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:

SIGNIFICANDO A EXPERIÊNCIA
EXISTENCIAL NA PERSPECTIVA DE UM
PROCESSO DE CONSCIENTIZAÇÃO

Luciana de Oliveira Nunes¹
Fabiano Bossle²

-
- ¹ Doutoranda em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH/UFRGS). Possui graduação em Educação Física pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, especialização em Educação Física Escolar pelo Instituto Porto Alegre e mestrado em Ciências do Movimento Humano PPGCMH/UFRGS. É integrante do grupo Didática e Metodologia da Educação Física DIMEEF/UFRGS e atua como professora de Educação Física na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre desde 2006. Pesquisa Educação Física escolar com ênfase nos temas: planejamento de ensino, anos iniciais do Ensino Fundamental, Educação Libertadora de Paulo Freire.
- ² Professor Associado da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESE-FID) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano atuando na linha de pesquisa Formação de Professores e Prática Pedagógica. Pós-doutorado em Ciências do Movimento Humano pela UFRGS (2010); Doutorado em Ciências do Movimento Humano pela UFRGS (2008); Mestrado



PARA INICIAR AS REFLEXÕES

O generoso convite para participar da construção dos “Diálogos da Educação Libertadora de Paulo Freire com a Educação Física Escolar”, a partir do encontro da professora Elaine Prodócimo e dos professores Daniel Maldonado, Agostinho Rosas e Fabiano Bossle, no Congresso de Professores de Educação Física Escolar (CONPEFE 2023), de pronto, me provocou a entender com mais profundidade o verdadeiro sentido da conscientização em Freire, na relação com a minha experiência existencial.

Isto porque o diálogo produzido pelos debatedores da referida mesa veio ao encontro do esforço reflexivo de uma professora de Educação Física de escola pública que vem se desafiando em seu processo de doutoramento, sob a orientação do professor Fabiano Bossle, a problematizar sua prática educativa à luz da inspiração teórica de Paulo Freire. As ideias costuradas aos conceitos freireanos, desenvolvidas no referido debate com tamanha propriedade, desafiaram-me a problematizá-las com pitadas de empiria, de “situação existencial, concreta, presente,” as quais tenho buscado compreendê-las “não só no nível intelectual, mas no nível da ação” (Freire, 2019, p. 120).

Ora, a maneira com que Freire construía e dialogava sobre suas ideias, narrando experiências da sua vida como forma de mobilizar a reflexão, vem me compelindo a refletir sobre a minha experiência existencial, sobre a minha leitura de mundo, nos diversos momentos do meu percurso na condição de

em Ciências do Movimento Humano pela UFRGS (2003); Especialização em Ciências do Esporte pela UFRGS (1995); Graduado em Educação Física – Licenciatura plena – pelo IPA (1991). Experiência na Área de Educação Física, com ênfase em Educação Física Escolar, atuando principalmente nos seguintes temas: Paulo Freire, Educação Física Escolar, Educação Física Escolar Crítico-Libertadora, Etnografias e Autoetnografias Críticas.





professora-pesquisadora, no sentido de desvelar um universo simbólico que me encaminhe a uma percepção crítica da realidade em que atuo.

Neste sentido, atrevo-me a participar deste diálogo narrando um pouco da minha história, não com a pretensão de causar algum interesse particular no leitor e na leitora, tampouco trazer algo inédito sobre a compreensão da Educação Libertadora de Paulo Freire, mas na condição de um exercício de entendimento do processo de conscientização que venho buscando, ao assumir o desejo de encontro com Paulo Freire em uma Educação Física escolar crítica, libertadora.

Para Freire (2019, p. 137), “quanto mais assumam os homens uma postura ativa na investigação de sua temática, tanto mais aprofundam a sua tomada de consciência em torno da realidade e, explicitando sua temática significativa, se apropriam dela”.

Neste sentido, considero a reflexão e a escrita sobre como vou me encontrando na Educação Física escolar com as ideias de Paulo Freire, o próprio processo de conscientização se estruturando na condição epistemológica e dialética.

Freire (2019, p. 135) esclarece que a “codificação de uma situação existencial é a representação desta, com alguns de seus elementos constitutivos, em interação. A descodificação é a análise crítica da situação codificada”. Daí que, para o autor, a situação vivida avança da esfera do dar-se conta ingênuo, para um exercício de compreensão crítica e significativa do caráter simbólico (Freire, 2021).

Sob este aspecto, construo a narrativa dos diferentes momentos que ilustram meu percurso de professora-pesquisadora, identificados enquanto situações existenciais concretas, “codificadas”, a fim de interpretar os significados que emergem dos temas propostos, na condição de “descodificação”, para que dela



consiga alinhar um diálogo entre a experiência existencial e o processo de conscientização.

Dito isto, com o intuito de sulear as reflexões propostas nesta escrita, apoio-me na seguinte questão: **Como vem se constituindo o encontro da Educação Física escolar com Paulo Freire, a partir da experiência existencial de uma professora de Educação Física de escola pública?**

A fim de identificar este percurso, na perspectiva da temporalidade da experiência, apresento na sequência a narrativa dos diferentes momentos da minha caminhada, na condição de professora de Educação Física e pesquisadora, sob o formato de temas geradores que serão base para interpretações sobre um processo de conscientização, no exercício de ação e reflexão permanentes.

||| SIGNIFICANDO A EXPERIÊNCIA EXISTENCIAL

Na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital.

Onde há vida, há inacabamento.

(Freire, 1999, p.55)

A noção de inacabamento tem, particularmente, direcionando minhas reflexões como um compromisso de buscar desconstruir conceitos e pré-conceitos que atuam sob tensão e contradição nos meus posicionamentos pessoais e no exercício da minha prática educativa. Na mesma intensidade direciona a intenção de me reconhecer, a partir das aprendizagens contínuas, como força ativa – ainda que em pequenas ações cotidianas – para





intervir e criar possibilidades de transformação do mundo educativo (FISCHMAN E SALES, 2010). O inacabamento ou a inconclusão do ser abre possibilidades de aprender, crescer, mudar, transformar.

Essas foram palavras que orientaram a escrita do meu memorial descritivo, quando resolvi desafiar-me no processo de seleção do doutorado, que teve início em 2020. À época, as ideias e concepções de Freire e de uma Educação Física crítica, libertadora, pautada na perspectiva de transformação e humanização já me provocavam, desacomodavam, mas de forma incipiente, sem profundidade no entendimento.

Contudo, essa noção de inacabamento, de incompletude, vem corroborando um processo que teve seu primeiro ponto de tensionamento consciente à ocasião da minha entrada na Rede Municipal Ensino de Porto Alegre (RMEPOA), em 2006, na condição de professora de Educação Física – situação sob a qual desdobrei meu primeiro tema gerador.

TEMA GERADOR 1 – “É ASSIM...”

Formada em instituições privadas, desde a formação inicial à graduação em Educação Física, o choque de realidade ao me deparar com o universo da escola pública, especialmente na RMEPOA, pareceu-me no início um obstáculo quase determinante de uma possível desistência. A realidade desumana, paupérrima, de violência e abandono realmente me chocou e me vi completamente despreparada para ser uma professora de Educação Física nestas condições. O que ensinar? Como ensinar? Por que ensinar? Como lidar com alunos que estampavam toda essa carência nas suas formas de se relacionar? Era um mundo que eu não conhecia.



Embora a realidade que se apresentava me trouxesse vários questionamentos, vi-me, essencialmente, reproduzindo o que aprendi. Ou, ao menos, tentando reproduzir, já que (autocrítica desde sempre) logo percebi que as teorias, marcos legais e seus modelos e metodologias “perfeitas”, onde tudo funcionava, pouco tinham a ver com o que experimentava diariamente no cotidiano do “chão de escola”. Queria os/as estudantes sentados, ouvindo-me, esperando sua vez de fazer o que eu mostrava, como eu mostrava, aquilo que eu escolhia ensinar – “prestem a atenção, depois não vão saber como fazer!”, “eu vou mostrar como se faz”, “tem que segurar assim...”; “é assim... não é assim!”, “senta, se não sentar, não vai brincar”.

De início, sustentava-me na premissa de uma Educação Física em condições adequadas de espaço e de recursos materiais, centrada no professor, no ensino da técnica correta; a Educação Física dos esportes, do jogo, do desenvolvimento motor, do movimento padronizado...

Caos, agressão, frustração... – a realidade que experimentávamos era bem diferente daquele modelo de Educação Física sob o qual fui formada.

A realidade com que me deparava não me dava condições de desenvolver a concepção de Educação Física que eu tinha aprendido. Ao mesmo tempo que buscava seguir as “prescrições” aprendidas na formação acadêmica ou, ainda, o modelo de Educação Física que tive na escola, confrontava minha visão de mundo, de sociedade, de educação, de ser humano com a dureza das circunstâncias reais que me desafiavam diariamente.

Mas, ao invés de pensar que o problema era com a minha concepção de Educação Física, eu achava que o problema era a comunidade, o contexto de violência, as crianças agressivas, as mazelas que açoitavam suas vidas... A dificuldade que encontrava





estava na condição do outro, não na “minha” Educação Física, tampouco na minha leitura sobre o contexto, assim eu julgava.

Partindo destas considerações, ao analisar a situação de reprodução da Educação Física que aprendi, na condição de “escolha” didática que utilizava, é possível identificar um pensar ingênuo, colonizado por uma concepção bancária de educação, pautada na transmissão de conteúdos, na padronização das formas de aprender (e ensinar) e de se movimentar, sob as quais fui formada.

A Educação Física que vivi, ancorada nos esportes, no tecnicismo, no movimento padronizado, foi determinante para forjar uma construção didática nestes moldes. Essa era a minha experiência existencial, até então, e era a partir desta leitura de mundo que organizava meu pensar e minha ação, independente da realidade concreta em que atuava.

Mesmo que me provocando inquietação, incômodo, frustração diante das dificuldades de concretização deste modelo, a minha posição frente à realidade revelava um pensar ingênuo, uma consciência ingênua (Freire, 1999, 2016, 2019).

Ao me reconhecer, em princípio, na condição de privilegiada (pelas condições da minha formação e por “deter” um conhecimento teórico sobre a Educação Física), não me percebia presa a um modelo tradicional, bancário, verticalizado, conteudista. Tal condição me impedia de pensar a Educação Física numa perspectiva outra, diferente daquela que me ensinaram, na sua história única, parafraseando a ideia de Chimamanda Adiche (2019) sobre o perigo de uma história única.

Na decodificação deste universo temático de reprodução do que aprendi, consigo me identificar impedida de enxergar possibilidades de superação dos condicionantes opressores, impedida de ser mais (Freire, 2019). Isto porque, segundo o autor,



“A situação de opressão em que se ‘formam’, em que ‘realizam’ sua existência acaba por forjar seu comportamento, sua visão de mundo, sua ética” (Freire, 2019, p.57, grifos do autor).

Contudo, na medida em que fui me debatendo com aquela realidade, senti a necessidade de ir além e compreender melhor as questões didáticas que envolviam minha prática educativa. Aproximei-me, então, do grupo de pesquisa Didática e Metodologia do Ensino da Educação Física DIMEEF/UFRGS. Queria voltar a estudar e entender o que eu estava vivendo na minha experiência docente. Queria entender, mas também contar o que eu vivia...

TEMA GERADOR 2 – “CRÍTICA?”

De volta aos bancos acadêmicos, queria contar que a realidade concreta demandava muito mais do que os livros e teorias apresentavam. Aproximei-me do grupo DIMEEF com algumas convicções sobre a Educação Física, segura de que trabalhar naquela comunidade me dava condições de entender e reconhecer quais eram suas necessidades; julgava compreender a conjuntura econômica, política e social do contexto em que atuava.

Com efeito, a perspectiva crítica que fundamentava as pesquisas e discussões do grupo veio especialmente ao encontro das experiências e necessidades que eu vivenciava como professora desta rede de ensino, mas também colocavam em “cheque” minhas convicções e segurança.

A insegurança, acompanhada pela inquietação, passou a se dar em torno do planejamento, do conteúdo, do currículo, da função social da escola, da função da Educação Física na escola. Questionava-me constantemente: que Educação Física é essa que vai além do movimento padronizado, do esporte, do lazer... que





se materializa na crítica? O que é, afinal, essa “crítica” discutida no grupo (DIMEEF)?

Ao perceber a leitura ingênua que eu fazia da conjuntura macro e microssocial, tanto quanto da função social da Educação Física enquanto componente curricular, tal insegurança ganhou corpo tanto no meu transitar acadêmico, quanto na minha prática docente. Passei a me sentir insegura sobre as minhas ações e concepções, sobre minha atuação como professora de Educação Física. O que é ser crítica? Como materializar a crítica?

Em 2015 ingressei no mestrado do PPPGCMH/UFRGS³ com o objetivo de pesquisar o planejamento de ensino, tema de compreensão pessoal muito rasa e controversa. Fui pesquisar a construção do planejamento de ensino em Educação Física desenvolvida por colegas da RMEPOA sob a ótica da coletividade das ações. Muitas aprendizagens, mas também muitas dúvidas sem respostas... mais inquietações.

A minha percepção naquele momento é que eu precisava justificar o componente curricular Educação Física na escola. Mas a Educação Física de quem? Qual Educação Física eu estava buscando e querendo justificar?

Causava-me incômodo transitar por entre as leituras e teorias críticas as quais me aprofundava na construção de uma etnografia na RMEPOA, ao mesmo tempo em que reconhecia na minha prática educativa a dificuldade em pensar uma Educação Física outra, que subvertesse a lógica de opressão, injustiça e dominação que cada vez mais observava presente na cultura que compartilhava.

³ Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano / Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



Entendo essa inquietação narrada como um processo inicial de apreensão crítica da realidade, experimentada na práxis, porquanto ação e reflexão, ainda que envolvida pela dificuldade de entender e exercitar um olhar crítico. Quando Freire (2019, p. 100. grifos do autor) nos diz que na educação problematizadora há um esforço dos sujeitos em ir “percebendo, criticamente, como estão sendo no mundo com que e em que se acham”, infiro que este “perceber” esteja diretamente ligado a um processo de tomada de consciência.

A tomada de consciência é uma etapa da conscientização, mas ainda não é a própria conscientização, visto que esta implica a ação, conforme enfatiza Moacir Gadotti no prefácio do livro *Conscientização* (Freire, 2016).

Neste contexto, fui me permitindo aguçar a escuta e a observação no cotidiano da minha docência. Passei a prestar mais atenção nas demandas e angústias que meus pares compartilhavam comigo, especialmente as colegas referências⁴ das turmas que eu trabalhava.

Considerando as dificuldades de alfabetização que a grande maioria apresentava, a notória falta de estímulos, de organização e de rotina que estas crianças chegavam nos primeiros anos escolares naquela comunidade, apostava na Educação Física como um importante espaço de aprendizagens psicomotoras. Mas ainda me sentia inquieta, incomodada, desconfortável diante da percepção crítica a qual vinha me aproximando. Em que pese a importância da construção de experiências psicomotoras diante do contexto apresentado, em que medida estas aprendizagens poderiam se alinhar a uma perspectiva crítica, que privilegiasse o reconhecimento da cultura dos estudantes, que desse conta

⁴ Termo utilizado na RMEPOA em alusão à professora regente da turma.





das suas demandas, dos seus interesses e individualidades? O que, de fato, era uma perspectiva crítica de Educação Física?

A convicção da relevância do lúdico, do brincar espontâneo e com intencionalidade se fazia presente no meu planejamento, entretanto, neste período, ampliei o olhar sobre o brincar e a cultura, amplifiquei a escuta do que as crianças traziam no sentido de conhecer mais a cultura delas, vinda de casa, da rua, do seu brincar, identificando, assim, saberes, experiências, culturas do brincar.

Contudo, ao encerrar essa etapa do mestrado em condições de esgotamento – as circunstâncias estruturais da RMEPOA e a intensificação do trabalho docente tornavam-se cada vez mais imperativas –, produzindo uma metanálise da etnografia construída me percebi assumindo uma posição fatalista, pessimista, diante das situações adversas que experimentava. Do texto referido (Nunes *et al.*, 2018, p. 96), destaco o seguinte parágrafo:

Percebo que na ânsia de assumir posições críticas e de resistência acabei caindo na armadilha de supervalorizar uma disposição pessimista, enxergando a possibilidade de transformação como utopia – um hesitar entre a esperança e a depressão pedagógica (FISCHMAN; SALES, 2010). De fato, ao estudar o planejamento de ensino a partir da cultura do outro e de posse das leituras que embasaram todo o percurso teórico-metodológico, uma realidade dura se descortinou diante de mim, desconstruindo minhas expectativas, desafiando-me, cobrando-me atitudes transformadoras as quais não me vi preparada.

Foi, então que me aproximei, ainda sem muita profundidade, da obra de Paulo Freire. Já se fazia muito claro para mim o quanto a realidade da escola em que atuava evidenciava um contexto de opressão. As reflexões sobre meu “quefazer”, somado às leituras do mestrado, às discussões no DIMEEF, e à realidade concreta





que compartilhava na escola, provocaram-me a necessidade de entender melhor o que era uma educação transformadora.

TEMA GERADOR 3 – “COMO?!”

Fiquei em torno de dois anos afastada das atividades acadêmicas, mas a noção de inacabamento, as inquietações, a autocrítica e o compromisso com uma docência que busca relações humanizadoras e libertadoras me incomodaram ao ponto de eu entender que era preciso continuar.

O ínterim entre o término do mestrado e a decisão de voltar a estudar foi um período em que experimentei, com mais força, a incômoda sensação de insatisfação com a prática educativa que desenvolvia.

Não havia como ignorar a realidade opressora e desumana que ditava o modo de vida e as relações daquela comunidade onde desenvolvia meu trabalho e não me sentir compromissada, de alguma forma, com ações que visassem à ruptura desta conjuntura.

Embora reconhecesse a potência de uma educação crítica, pautada por ações contra-hegemônicas como possibilidade de superação das relações de exploração e dominação, como possibilidade de transformação, a autocrítica me fazia reconhecer meus limites e desanimar ante os obstáculos. O compromisso e o desejo de desenvolver uma Educação Física relacionada ao universo dos/das estudantes tensionavam no sentido de querer algo que eu não sabia como desenvolver.

Questionava minhas posições contraditórias e ansiava por uma prática mais alinhada com as aproximações teóricas que vinha fazendo. Enxergava-me em pequenas ações cotidianas de





resistência, mas as julgava insuficientes, ineficientes. Passei a exercitar um planejamento mais participativo, a promover com mais frequência momentos de diálogo sobre as atividades que experimentávamos, a observar mais atentamente o que os/as estudantes traziam de experiências, de dúvidas, de formas de recriar o que trabalhávamos, e tentava sistematizá-las em nossas aulas.

Contudo, a insatisfação vinha acompanhada do constante questionamento: o que eu quero, de fato, neste momento da minha experiência docente? Desconstruir a minha forma de pensar a Educação Física ou melhorar o que venho fazendo nestes anos de docência?

Sentia um profundo incômodo. A Educação Física crítica, a experiência da professora, o contexto marcado por conflitos político-econômicos que impactavam a vida das pessoas e da escola, frustrando tentativas de produzir um conhecimento crítico alinhado àquela realidade... eram vários fatores que me colocavam em constante reflexão – “eu não caibo mais nessa perspectiva tradicional de Educação Física, mas não sei como me colocar neste outro lugar, de uma Educação Física crítica; não sei como materializar isso...”

Ao identificar a insatisfação e o incômodo que me desafiava na e pela práxis, percebo-me assumindo, em diferente nível de tomada de consciência, um posicionamento epistemológico, o qual me exigia respostas tanto em nível intelectual, quando no nível da ação (Freire, 2019). Respostas na condição de enfrentamento dos obstáculos a uma educação humanizadora, libertadora.

Embora minha compreensão epistemológica ainda fosse muito difusa, embotada pelos condicionamentos da realidade concreta, existia uma disposição crítica e esperançosa em favor da superação destes condicionantes. Para Freire (2019, p. 125,



grifos do autor), “Os homens, pelo contrário, porque são consciência de si e, assim, consciência do mundo, porque são um ‘corpo consciente’, vivem uma relação dialética entre os condicionamentos e sua liberdade”.

Reaproximei-me, neste período das leituras, das produções do grupo DIMEEF e do desejo de retomar a formação continuada em nível acadêmico. O que pesquisar? Por onde trilhar? Duas premissas me orientavam: a vontade de falar e refletir sobre a minha prática educativa e a necessidade de compreender e atuar a partir dos fatores que percebia incidirem como força opressora sobre a educação em nível macro e microssocial, mas especialmente na cultura que compartilhava.

Embora ainda considerasse as ideias de Freire um tanto utópicas (no sentido do inviável), as leituras que fui fazendo convergiam totalmente com o contexto e as situações concretas que vivenciava. Era como se a realidade que experimentava estivesse sendo descrita e interpretada, em detalhes, para alguém que a enxergava, ainda, espessa, nublada.

A insatisfação que experimentava neste período foi se transformando em desafio – desafio que culminou com a entrada no doutorado.

TEMA GERADOR 4 – “EU TENHO QUE TENTAR...”

A entrada no doutorado fez-me aproximar da obra de Freire em caráter de estudo. Embora ainda não soubesse ao certo por onde seguir na ideia da pesquisa a ser desenvolvida, em cada texto que lia, a cada ideia que buscava compreender, mais do que identificar o contexto que compartilhava na minha prática, comecei





a me enxergar dentro das narrativas e reflexões propostas por Freire.

No curso destas leituras e na disposição de realmente compreendê-las, logo percebi a profundidade e densidade das suas ideias, mas, apesar da dificuldade em entendê-las, tive a certeza de que era a partir das lentes freireanas que queria pesquisar minha prática educativa.

Mergulhei na Pedagogia do Oprimido e, encantada com a obra e o pensamento de Freire, sentia-me acolhida em suas concepções e reflexões, tanto quanto me auto acolhia ao reconhecer meus preconceitos, minhas contradições, meus equívocos, minhas dificuldades. A noção clara da minha condição de oprimida tornou-se um divisor de águas na minha apropriação teórica.

Por outro lado, na busca por desenvolver uma práxis transformadora, libertadora, via-me, mais do que nunca, refém de uma Educação Física tradicional. Pesava-me o questionamento “como eu vou dialogar com a Educação Libertadora de Paulo Freire, sendo tão arraigada a uma educação tradicional, bancária, tecnicista, verticalizada?” Ao mesmo tempo, ponderava em autorreflexão “não adianta cruzar os braços, eu tenho que tentar, tenho que me desafiar...”

À luz da inspiração teórica de Freire, passei a me reconhecer na condição de oprimida, tanto quanto pude dimensionar numa perspectiva epistemológica a magnitude da opressão a qual estavam submetidos os/as estudantes da comunidade em que atuava (Nunes *et. al.*, 2023). O reconhecimento da dualidade opressor-oprimido (Freire, 2019), agora se fazia consciente.

As relações que fui estabelecendo entre a intelectualidade e a ação acentuaram algumas emoções, evidenciaram paradoxos, dores, medos, inseguranças, cansaços e receios que envolviam tal processo.



Não importava o reconhecimento do meu trabalho pelos meus pares ou pelas crianças na sua intensa e genuína amorosidade. Não era suficiente a disposição em experimentar uma Educação Física que julgava mais humana, sensível, questionadora, seja problematizando brincadeiras, práticas corporais, comportamentos, situações de conflitos e confrontos, através do diálogo aberto sobre o que fazíamos e por que fazíamos. Não bastava identificar a escuta curiosa e interessada, o olhar atento e empático, a relação mais afetiva, cuidadosa e humana que buscava estabelecer.

O misto de sensações, de emoções, colocava-me na condição de querer entender a Educação Libertadora e me perceber no processo, ao mesmo tempo em que me gerava angústia e frustração por não conseguir enxergar essa Educação Física crítica, “transformada” na minha práxis.

Importante esclarecer que a narrativa que venho fazendo sobre o tema gerador “Eu tenho que tentar...”, configura-se como aquilo que venho experimentando neste momento, e toda essa oscilação de sensações narrada no ir e vir das minhas contradições, da minha apropriação teórica, essa relação dialética entre ação, reflexão e ação configuram o presente vivido.

Veja, a experiência existencial, a história, os fatos datados, a realidade concreta e dinâmica não são estanques, tampouco lineares. Neste sentido, julgo importante esclarecer que os momentos narrados e organizados a partir destes temas se entrelaçam em contradições, em idas e vindas e são narrados sem a pretensão de linearidade, mas no curso da minha compreensão em processo de conscientização.





CONSCIENTIZAÇÃO NO ENCONTRO DAS EXPERIÊNCIAS EXISTENCIAIS

Na apresentação do livro *Pedagogia dos Sonhos Possíveis*⁵, Ana Maria Freire nos apresenta o importante conceito de “existência” a partir da concepção de Paulo Freire. Assim diz ela:

[...] possibilidades de falarmos e escrevermos expressando os nossos *pensares* mais elaborados e sistematizados; de manifestarmos, de diferentes maneiras, as nossas *emoções* mais genuínas. *Pensares* e *sentires* indicotomizavelmente gerados em nosso corpo, que se tornou assim *corpo consciente*. *Existência* que por sua natureza nos abre as possibilidades, portanto, de podermos, inclusive, refletir sobre ela mesma, sobre esta nossa habilidade de, falando e pensando, agirmos intencionalmente fazendo *práxis*, registrando conscientemente nossas ações e sendo capazes de lutar pelas transformações das sociedades injustas, revelando a *boniteza* da vida (2014, p. 14, grifos da autora).

Recorro a este conceito por entendê-lo como balizador das reflexões que vem se constituindo nesta escrita. Contudo, a intenção de alinhar considerações que se articulam a este conceito, aponta para o reconhecimento de sua pluralidade – “existências”.

Veja, até aqui narrei toda uma trajetória pessoal de como vem se desdobrando meu processo de conscientização e de como venho significando cada momento. Parto, evidentemente, da minha experiência existencial expressando meus *pensares* e *sentires*, mas reconheço, absolutamente, que todo esse processo só vem acontecendo desta forma porque no encontro com outras

⁵ Um compilado de textos de Paulo Freire organizado por Ana Maria Araújo Freire em comemoração à data na qual Freire teria feito os seus oitenta anos de vida.



experiências existenciais tenho podido enxergar, nos outros e com os outros, a realidade concreta em que estamos inscritos.

O exercício da minha docência, marcado pelo encontro com uma realidade que eu não conhecia, afetado pela dureza da experiência de outras existências, vem me desacomodando, desafiando-me em um movimento que não é só meu, porquanto vem se construindo no desafio de nossas diferentes leituras de mundo e no encontro de nossas intersubjetividades em diálogo, em confronto, em descobertas, em relações ora amorosas, ora opressoras, em construção de aprendizagens.

Quando proponho a questão suleadora **“Como vem se constituindo o encontro da Educação Física escolar com Paulo Freire, a partir da experiência existencial de uma professora de Educação Física de escola pública?”**, o faço consciente de que este encontro só pode acontecer epistemologicamente se pautado na práxis do encontro humano, do reconhecimento das diferentes experiências existenciais.

Daí que, todo esse movimento de tomada de consciência e conscientização em curso, passa necessariamente pelo encontro que tive com esta realidade narrada, com esta cultura, com estes estudantes e com estes parceiros de caminhada, tanto profissional, quanto acadêmica. No exercício de “biografar-se, existenciar-se, historicizar-se” apontado por Moacir Gadotti na apresentação do livro *Pedagogia do Oprimido*, além de ir me descobrindo neste processo de conscientização, pude também dimensionar a presença e importância do outro no meu processo. E é com estes outros sujeitos que compartilham comigo esta realidade que escolho seguir experimentando, tentando, aprendendo uma outra história, diferente da que me ensinaram; uma Educação Física diferente da que aprendi.





Quando me questiono sobre a materialidade e sistematização de uma Educação Física em diálogo com o pensamento freireano, entendo que há muito que precisamos aprender sobre, mas, arrisco afirmar, a partir da comunicação do professor Fabiano Bossle, que para uma “Educação Física Escolar Crítico-Libertadora” existir é necessário, essencialmente, que seja pautada pelo encontro das diferentes existências em diálogo. Encontro traduzido na compreensão do ensinar-aprender e aprender-ensinar indicotomizáveis; na noção do inacabamento; no desejo coletivo de transformação da realidade; na luta incessante pela desconstrução de preconceitos e das relações opressoras e pela reconstrução de nossa amorosidade, das relações fraternas e humanizadoras que consideram e partem das diferentes experiências existenciais.

Ora, neste sentido, uma Base Nacional Comum Curricular vai de encontro a uma perspectiva que considera uma Educação Física crítica, libertadora, transformadora. Como sistematizar um único “método”, comum, padronizado, verticalizado, se somos tão distintos em nossas experiências e em como as significamos? Como pensar em “um modelo” de Educação Física se somos diferentes *pensares e sentires* gerados em diferentes corpos conscientes?

Entendo que este encontro da Educação Física com Paulo Freire vem se constituindo, na minha experiência, num processo que é único, não é método, tampouco modelo para outras realidades, justamente porque vem se desdobrando a partir de uma cultura específica, em um tempo específico de conscientização da professora, dos/das estudantes, de como cada um de nós significa suas experiências corporais vividas em nossos encontros, de como nossos diálogos e ações mobilizam esses nossos *pensares e sentires*.





Na escrita deste texto, tenho pensado em meus dilemas e contradições, na forma como venho organizando minha práxis educativa, no percurso e nos encontros que vêm me constituindo uma professora que, agora, entende que a crítica é um processo permanente, tanto quanto a conscientização. Tenho entendido que a crítica e a conscientização caminham de mãos dadas com a condição de inacabamento, uma vez que se estabelecem na superação da consciência ingênua para uma consciência crítica da realidade (Freire, 1999; 2016; 2019). Mas, não uma crítica irrefletida, vazia, sem ação, visto que só se faz verdadeira no movimento de ação e reflexão e quando transcende os muros da escola, implicando um estilo de vida.

Este encontro da Educação Física escolar com Paulo Freire, a partir da minha experiência existencial, vem se constituindo na consciência das minhas contradições, no reconhecimento de que outras leituras de mundo estão em diálogo, em confronto, em descoberta, experimentando possibilidades; no acolhimento de minhas incertezas, meus equívocos, mas também na acolhida do desafio de transformação. Transformação que vem se dando entre erros e acertos, avanços e retrocessos diários, no pensar, questionar, repensar, dialogar, experimentar cotidianamente e coletivamente.

Quando avalio se as pequenas ações empreendidas na práxis educativa que venho desenvolvendo são eficientes ou suficientes percebo, no decorrer desta escrita, que não o são e, talvez, nem devam ser. Ora, avaliar que a Educação Física que desenvolvo está pronta, suficiente, reduz e esvazia toda a noção de inacabamento, conscientização, coletividade e reconhecimento das experiências existenciais, tirando a Educação Física crítica do lugar de um pensamento transgressor que a caracteriza e a colocando num lugar estático, finalizado, para dizer o mínimo.





É claro que, do ponto de vista da práxis, a materialidade e sistematização do pensamento são importantes, mas não são receitas de bolo, prescrições, posto que construídas na intersubjetividade das experiências existenciais que se criam e recriam a cada novo encontro. Cabe-nos, portanto, o papel de seguir na busca, em diálogo por um compromisso epistemológico, político e ético, estudando cuidadosamente, compartilhando conhecimentos, experiências, processos de conscientização, enquanto professores-pesquisadores, educadores-educandos e educandos-educadores.

Que nossos diálogos sobre a Educação Física escolar na perspectiva do pensamento de Paulo Freire permaneçam em constante fluir; que nossa conscientização coletiva e em permanente processo nos ajude a denunciar e anunciar, a criar e recriar – não modelos, não métodos, mas perspectivas singulares no diverso da pluralidade (como salienta Agostinho Rosas), a partir do encontro e do reconhecimento de nossas diferentes existências.

||| REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

FISCHMAN, G. E.; SALES, S. R. Formação de professores e pedagogias críticas. É possível ir além das narrativas redentoras? **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 15, n.43, jan./abr., 2010.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. saberes necessários à prática educativa. 13ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. Organização Ana Maria Araújo Freire. 1ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.



FREIRE, P. **Conscientização**. Tradução de Tiago José Risi Leme. São Paulo: Cortez, 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 69ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação?** 23ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021.

NUNES, L. O. *et. al.* Aprendendo com a pesquisa: reflexões sobre o compromisso de persistir buscando uma práxis transformadora. In: BOSSLE, F.; BOSSLE, C. B.; ROCHA, L. O. *et al.* **Educação física escolar, etnografias e autoetnografias**: a formação de intelectuais transformadores. Curitiba: CRV, 2018.

NUNES, L. O. *et. al.* A inspiração político-pedagógica de Paulo Freire para problematizar a própria prática educativa. In: Goularte, G. G.; SKOLAUDE, L. S.; NUNES, L. O. **Pesquisar a Educação Física Escolar**: o compromisso político de professoras e professores. Curitiba: CRV, 2023.

